

# UM CAMINHO QUE SEJA SEU<sup>1</sup>

As Mulheres e a Ciência

CLARA QUEIROZ

*Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa*

Em 1405, quando Christine de Pizan escreveu *La cité des dames*, o objecto de estudo da história das Mulheres nas Ciências estava identificado e prometia dar frutos: “Pode confiar, minha amiga, que muitas ciências e artes notáveis e importantes foram descobertas pela inteligência e subtileza das mulheres, tanto na especulação cognitiva, demonstrada na escrita, e, nas artes, manifestada em trabalhos de labor manual.”<sup>i</sup> Esta sua segurança sobre um tema tão controverso provinha-lhe do profundo estudo que, filósofa e escritora erudita, desenvolveu desde muito cedo e que lhe permitiu afirmar também que “Não há a mínima dúvida de que as mulheres pertencem ao povo de Deus e à raça humana tanto como os homens, e não há outra espécie ou raça dissemelhante, pela qual deveriam ser privadas de ensinamentos morais.”<sup>ii</sup>

Nos seis séculos que, desde Christine de Pizan até hoje, decorreram, estas afirmações foram inúmeras vezes renovadas ou ignoradas e esquecidas. Por isso, as lutas feministas e os Women Studies, em todas as suas vertentes, são tão importantes, indispensáveis e actuais.

Nos nossos dias, a recuperação, e transposição, das formulações de Christine de Pizan implica uma busca sem tréguas dessas mulheres das ciências que não só desapareceram no pó dos tempos, mas não constam da História, em grande parte, porque nunca lhes foi reconhecido o direito de a ela pertencerem. Por omissão deliberada, xenofóbica, ideológica. A outras, muitas outras mulheres, nunca lhes foi dado o direito de acesso às ciências e, quando lho deram, faltaram-lhes — e ainda hoje lhes faltam — as condições para prosseguir um trabalho independente e criativo. Este esmagador rasto de mulheres sem nome, sem rosto — que pertencem tanto ao passado como ao presente —, não pode ser ignorado. Refiro-me aos estudos que desvendam e esclarecem a complexa trama de inúmeras causas históricas, ideológicas, políticas, sociais, institucionais que lhes barraram o percurso. A compreensão desses mecanismos de exclusão constituem também fundamentos indispensáveis à definição das estratégias das lutas feministas nas ciências e nas tecnologias.

Numa época em que a Bolsa tem sentimentos — ‘hoje a Bolsa está com sentimento positivo’, ou, mais frequentemente, com ‘sentimento negativo’ (ouvimos em órgãos de comunicação social) —; numa época em que o Mercado tem gostos — ‘o Mercado não gostou do 11 de Setembro e do 11 de Março’, nem tão pouco da ‘eleição de Zapatero’, no vizinho Estado Espanhol —, a Ciência continua a ser considerada por muitos inodora e incolor: neutra, fria, assexuada, acima dos valores sociais. E, no entanto, esta Ciência — acima de toda a suspeita; nascida e desenvolvida nos países ocidentais industrializados —, tem servido interesses desses países. Tem ainda servido para aduzir o argumento de autoridade que assegura a manutenção da ordem e dos valores estabelecidos, ainda que variáveis no decorrer da História.

No que respeita às questões de género, as ciências justificaram o papel e a função das mulheres na sociedade: ‘demonstrou-se’ que a sua constituição era frágil, que o seu cérebro reduzido não

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada no Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação em Portugal (1924- 2004), realizado em Lisboa, 4, 5 e 6 de Maio de 2004

predispunha para o raciocínio rigoroso, científico, matemático, ou mesmo político, que o seu aparelho sexual lhe determinava o lugar de reprodutora e protectora da continuidade da espécie; e, mais recentemente, que a grande dificuldade para a igualdade de direitos e de desempenhos sociais que as mulheres reivindicam são os cromossomas, as hormonas, os genes, sequências de DNA pecaminosas, com que a natureza as acorrenta. Porém, aspectos do modelo médico victoriano do corpo da mulher, visto como um organismo governado e definido pelo útero, ainda hoje perduram. Quem não viu a tabuleta com a inscrição ‘Doenças das Senhoras’ à porta do ginecologista? (Como se as mulheres não pudessem ser atacadas por gripe.) E onde estão os especialistas das ‘Doenças dos Senhores’?

Recentemente, justamente na altura em que se discutia a questão da descriminalização do aborto, caiu de paraquedas na Assembleia da República um casal australiano<sup>iii</sup> — ele advogado, ela cientista — que juravam a pés juntos que o aborto causava o cancro da mama. É certo que foram rapidamente desmentidos por um artigo, publicado na Revista *The Lancet*, assinado por Valerie Beral, da Universidade de Oxford, que lidera o grupo britânico de investigação sobre os Factores Hormonais do Cancro da Mama.

Este acontecimento, ainda que um tanto burlesco, tem valor pedagógico porque nos mostra a importância da argumentação científica: no calor de uma acesa discussão pública e parlamentar, em que estavam em causa questões ideológicas e tácticas políticas, achou-se talvez decisivo trazer até nós aqueles dois antípodas, munidos de números, tabelas, curvas e histogramas que, hipoteticamente, apanhados de chofre, não poderíamos contradizer (e lá estavam os jornalistas e lá vieram as notícias nos jornais). É certamente uma prova da modernidade da direita mais conservadora — em lugar de nos ameaçarem com a fogueira, ameaçam-nos com o cancro da mama, devidamente cientificado.

Isto não quer dizer que, mesmo a ciência que segue os cânones estabelecidos, a ‘boa ciência’, não seja discutível, porque é, como qualquer outra área do saber, uma construção humana. Não é por acaso que existem controvérsias científicas. Mostram-nos que somos nós, humanos, quem escolhe as problemáticas que queremos estudar cientificamente, quem escolhe as tecnologias que queremos desenvolver, quem interpreta os resultados científicos, sem nos libertarmos dos valores culturais em que estamos inseridos, quando não, daqueles que defendemos.

O Século XX foi o século das mulheres. Houve quem assim visse a chegada das mulheres às mais variadas profissões, à sua participação nos mais variados modos de vida.<sup>4iv</sup> As conquistas que as lutas feministas tinham conseguido estavam à vista. E, contudo, a viragem dos anos 1900 para os anos 2000 em nada se assemelha à Belle Époque, quando se saía do Século XIX e se entrava no Século XX. As reformas prometidas emprestavam à palavra ‘novo’ um sentido mágico que fascinava e permeava todos os sectores e actores sociais: ‘nova’ democracia, ‘nova’ política, ‘novo’ liberalismo, ‘novo’ jornalismo, ‘nova’ psicologia, ‘nova’ literatura, ‘nova’ pintura, ‘novos’ produtos de consumo.<sup>5v</sup> O entusiasmo que então se vivia correspondia a uma convicção profunda na modernidade, no progresso das sociedades industrializadas, assente numa ciência positivista que se previa capaz de iluminar os mais variados aspectos da vida. Esse estado de espírito em nada se assemelha ao que presidiu à viragem para o terceiro milénio: afinal as ciências e as tecnologias não resolveram tudo, mas até criam novos e complexos problemas; as guerras eternizam-se com agravamento dos seus horrores, sem que se vislumbrem fins eticamente aceitáveis; os problemas ecológicos multiplicam-se; as mulheres continuam, em muitos aspectos, marginalizadas.

Mas as mulheres estão nas ciências, maioritariamente, em Portugal. É certo que não dominam os lugares de decisão, mas não é de números que agora gostaria de falar. Queria antes levantar a questão do modo de estar nas ciências. Porque nas ciências, como em qualquer outra profissão, as mulheres vêm-se, geralmente, inseridas em instituições que não foram por elas construídas.

As mal disfarçadas ‘cerimónias de iniciação’ das instituições científicas conduzem os recém-chegados a não perder de vista os modelos disponíveis. Comportamentos, know hows pré-estabelecidos, valores: todos são escrupulosamente incorporados e seguidos. Sendo os modelos maioritariamente masculinos, a presença das mulheres arrisca-se a não se fazer sentir na construção do mundo em que vivemos. Este quadro torna-se mais problemático se atendermos a que as mulheres encontram maiores dificuldades no exercício profissional do que os seus colegas masculinos. Há um ditado inglês que diz que, quando o leite está coalhado, as mulheres sabem fazer dele requeijão<sup>vi</sup>. Pois é exactamente do modo de fazer requeijão no interior das instituições onde, à partida, as mulheres estão desajustadas, que vos queria falar. Às mulheres estão abertos dois caminhos. Entrar no mainstream (ou melhor, no malestream, como, com um sorriso, Mary O’Brien lhe chamou<sup>vii</sup>), ou usar criticamente as suas diferenças culturais. Como Londa Schiebinger pergunta: “Serão as mulheres a moldar os seus valores e métodos para acomodar a ciência, ou moldará a ciência os seus métodos e práticas para acomodar as mulheres?”<sup>viii</sup>

Antes de prosseguir, devo afirmar, sem ambiguidades, que não defendo qualquer tipo de determinismo — biológico ou não. Nem tão pouco excludo os homens de poderem exercer uma influência crítica no evoluir das ciências, ou em qualquer outro campo. Muitos o têm feito. De resto, acredito que os homens são, de certo modo, também vítimas do sistema que construíram. Estou somente a defender a ideia de que as mulheres, ao entrarem em mundos que não construíram, mundos que as marginalizaram, podem e, a meu ver, devem tirar partido dessa marginalidade para construir qualquer coisa diferente. Afinal, se, como diz Donna Haraway, “Ambos cientistas e organismos são actores numa prática de contadores de histórias”<sup>ix</sup>, por que não haveriam as mulheres de ter uma outra história para contar?

No que concerne as ciências da natureza, as mulheres têm possibilidade de transformar as ciências numa actividade mais responsável, que não seja dominada pelos interesses do lucro e da guerra. Existem inúmeros casos de percursos científicos de mulheres que vão nesse sentido. Mulheres que preferiram dizer “pronto, vou para o inferno”, como disse Huckleberry Finn, quando, ao não cumprir a ordem social estabelecida, decidiu não denunciar o paradeiro Jim, o escravo negro fugitivo. Porque, é bom lembrá-lo, não trilhar o caminho demarcado não dá o conforto da certeza de vir a ‘ganhar o céu’.

Salientarei duas dessas cientistas, ambas biólogas: Ruth Hubbard (1924 —) que, desde os anos 1960, largou o trabalho laboratorial para se dedicar à análise histórica e filosófica da própria ciência, em grande parte, às relações entre ciência e género, e Rachel Carson (1907—1964), que muitos vêm como a desencadeadora do Movimento Ecológico Ético.

Ruth Hubbard, Professora na Universidade de Harvard, nasceu em Viena, na Áustria: aos catorze anos fugiu com a família ao regime nazi e instalaram-se em Boston, onde ela fazia a sua educação e iniciaria uma brilhante carreira. Durante muitos anos trabalhou com o marido, George Wald, na bioquímica e fotoquímica da visão de vertebrados e invertebrados, que viria a esclarecer muitos aspectos da transmissão das imagens do olho para o cérebro. O trabalho produzido no laboratório que partilhavam valeu o Prémio Nobel a George Wald, em 1967. Ruth não seria

distinguida. O seu comentário foi o seguinte: “Não fui eu quem trabalhou para que George ganhasse o Prémio Nobel — muitos de nós, incluindo George, trabalhámos juntos. Os prémios deveriam ser atribuídos a laboratórios, não a pessoas.” Salientou também que assim que uma pessoa é singularizada com um prémio, o trabalho dos outros membros do laboratório e a sua história na área são apagados.<sup>x</sup>

No final dos anos 1960, com a Guerra do Vietnam e o desenvolvimento dos movimentos feministas, Ruth Hubbard começou a reflectir sobre a ciência, sobretudo na carga política que perpassa a biologia relacionada com as mulheres. “Em 1973”, diz ela, “devido em grande parte ao trabalho político dos movimentos de mulheres, a posição precária que eu tinha em Harvard tornou-se estável. Num gesto pouco usual, a Universidade promoveu algumas de nós do típico gueto das mulheres de ‘investigadora auxiliar e professora auxiliar’ para a posição estável de Professoras.”<sup>xi</sup> A maior liberdade que esta nova situação lhe trouxe permitiu-lhe passar de “observadora da natureza a observadora da ciência, de fazer ciência para passar a estudá-la.”<sup>xii</sup> O seu contributo para o entendimento da carga ideológica, sexista e racista da ciência é notável. Defensora de uma ciência reestruturada numa perspectiva feminista, Ruth ironiza interrogando se, numa ciência reestruturada numa perspectiva feminista, as Leis da Gravidade continuarão a ser válidas. E responde considerando que as maçãs continuarão, de facto, a cair, mas isso não significa que o entendimento científico dessa realidade se traduza necessariamente nas leis da gravidade tal como as conhecemos. Tanto a natureza como as ciências que tentam explicá-la são construções culturais, que operam com objectivos específicos nos contextos em que são produzidas.<sup>xiii</sup>

Rachel Carson<sup>xiv</sup> nasceu numa pequena cidade de província da Pensilvânia. Licenciou-se em Zoologia em 1928 e, em 1932, faz o mestrado em genética na Universidade de Johns Hopkins. Entretanto, escreve artigos sobre ciência para jornais e arranja trabalho a meio tempo num instituto oceanográfico. O sonho que em criança tivera de vir a ser escritora alia-se ao deslumbramento que lhe proporciona o mundo natural. A morte do pai e dificuldades financeiras levam-na a aceitar um cargo de funcionária pública no gabinete de pescas, onde tem como função escrever textos de divulgação piscatória para a rádio. Nessa época, 1936, em que era pouco comum encontrar mulheres nessas profissões, ela foi a primeira mulher nos Estados Unidos a fazer as várias provas necessárias à carreira do funcionalismo público.

Certamente, numa ocupação pouco gratificante do ponto de vista intelectual, Rachel encontrou tempo para escrever vários livros sobre a natureza: um deles — *The Sea Around Us* (que se poderia traduzir por ‘o mar que nos rodeia’) — revela-se um best seller, que lhe permite pedir a aposentação e dedicar-se só à escrita. Esse livro, publicado em 1951, recebe o National Book Award para a não ficção. Mas o seu livro mais célebre seria publicado em 1962 e intitula-se *Silent Spring*<sup>xv</sup> (Primavera silenciosa).

Em *Silent Spring*, Rachel analisa a destruição que o DDT e outros pesticidas semelhantes causam na natureza por serem poluentes orgânicos persistentes, muito dificilmente degradáveis. Entram na cadeia alimentar desde os insectos até à espécie humana. O título do livro liga-se com o primeiro sinal que Rachel teve de que alguma coisa terrível se estava a passar. Numa reserva natural, propriedade de uma amiga sua, verificou que os pássaros estavam a morrer porque se alimentavam de insectos moribundos após tratamentos em larga escala com DDT. Não se ouviria o canto dos pássaros na Primavera seguinte.

O trabalho de quatro anos de Rachel Carson para preparar este livro pode descrever-se como um trabalho de bricolage, em que, para além das suas próprias observações, ela pega em

trabalhos pré-existente, dados maioritariamente de outros cientistas, e analisa-os de modo diferente. Agarra nesses dados, não se centrando nas conclusões e nos fins para que tinham sido elaborados, reflecte sobre eles e cria qualquer coisa de muito novo: uma área científica que iria dar origem ao movimento ecologista, que hoje nos é tão comum. Carson é uma 'respigadora' da matéria científica, uma respigadora da ciência, no sentido que Agnès Varda daria ao seu filme com o mesmo nome.

Silent Spring não traria só glória a Rachel Carson. A indústria química e grupos de agricultores promoveram-lhe uma campanha de descrédito que chegaria até aos nossos dias. Apesar de nas trezentas e cinquenta páginas do livro ela ter incluído cinquenta e cinco com referências pormenorizadas sobre a origem dos seus dados, chamaram-lhe incompetente, solteirona histórica, alarmista, acusaram-na de não aceitar o progresso. A Fundação Alimentar (Nutrition Foundation), a Associação Médica Americana, uma Comissão da National Academy of Science americana não apoiaram a sua causa. Não seria inesperado porque os cientistas que levantam questões sociais, ecológicas ou éticas sobre as ciências e as tecnologias não são geralmente bem acolhidos pela comunidade científica.

Mas a onda de preocupação e de indignação populares que o livro levantou já não teria fim. O livro foi traduzido em doze línguas (em Portugal não, que eu saiba); a Câmara dos Lordes britânica propôs que se restringissem as importações de hortícolas americanas. Carson acabou por ser ouvida por uma Comissão do Congresso americano e a utilização desse tipo de pesticidas diminuiu e a sua utilização foi, nos Estados Unidos, definitivamente banida em 1972.

Em 1982, dezasseis anos após a sua morte, o Presidente Jimmy Carter atribuiu postumamente a Rachel Carson a mais alta condecoração civil americana: a Presidential Medal for Freedom.

Quer nas ciências da natureza, quer em outras áreas, encontramos modelos alternativos de mulheres que percorreram um caminho seu, que alteraram abordagens de investigação, que abriram novos caminhos. Recordarei alguns.

A nova perspectiva que as investigadoras trouxeram à Primatologia (Shirley Strum e Linda Fedigan) ao estudar os comportamentos das fêmeas de várias espécies dos grandes Primatas e não só dos machos, a que até aí os cientistas tinham dado primazia. As alterações sofridas na Arqueologia (Margaret Conkey e Sara Williams), quando as investigadores colocaram o seu interesse nos utensílios usados na recollecção, nos trabalhos quotidianos, nos cuidados com os jovens. A revolução que Margaret Mead e Ruth Benedict trouxeram à Antropologia. A transformação literária que Dorothy Richardson (uma quase desconhecida entre nós) desencadeou ao inventar aquilo a que May Syclair chamou 'corrente-de-consciência', uma forma literária que a autora acreditava adequada ao discurso feminino, a invenção da ficção científica, a par do olhar crítico sobre a própria investigação científica, levada a cabo por Mary Shelley. A Nouvelle Vague no cinema que Agnès Varda nos trouxe. O maravilhoso olhar fotográfico de Tina Modotti. A peculiaridade da pintura de Frida Kahlo, ou a contribuição de Camille Claudel à escultura, ou, ainda, a ruptura que representa o bailado de Isadora Duncan. Se pensarmos nas revolucionárias políticas e feministas, vejamos o cunho crítico e inovador que trouxeram às suas lutas Olimpia de Gouges, Leonor da Fonseca Pimentel, Mary Wollstonecraft, Flora Tristan, Louise Michel, Emma Goldman, Rosa Luxemburgo.

E tantas outras que, de tão variadas formas, nos dizem que outros caminhos são possíveis.

Ou bastaria simplesmente lembrar as alterações que se processaram nas ciências sociais quando os Women Studies se impuseram como uma área válida de investigação, mesmo nalgumas instituições tão conservadoras como a Universidade de Harvard?

Penso não exagerar quando espero que a História e a Filosofia das Ciências, os Estudos de Ciência e Género, numa dialéctica com as lutas feministas, contribuam para que as cientistas encontrem um caminho que seja seu.

## Referências e Notas

---

<sup>i</sup> Cit. in Schiebinger, Londa. "The History and Philosophy of Women in Science: A Review Essay". *Signs*, Vol.12 (2), 1987.

<sup>ii</sup> Cit. in Barradas, Ana. *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*. Lisboa: Edições Antígona, 1998. p. 47.

<sup>iii</sup> A sessão, que decorreu na 'Casa Amarela' da A.R., no passado dia 10 de Março, foi organizada pela Associação "Mulheres em Acção" e tinha como oradores os australianos Charles Francis, jurista, especializado em casos relacionados com falta de informação sobre as consequências do aborto, e Babette Francis, coordenadora da organização não governamental australiana "Endeavour Forum". Esta organização, que foi criada para contrariar o feminismo e defender os não nascidos e a família tradicional, é contra o aborto e defende a relação entre o aborto e o cancro da mama.

<sup>iv</sup> Montreynaud, Florence. *Le XXe Siècle des Femmes*. Paris: Nathan, 1999.

<sup>v</sup> Shulman, Alix Kates. *To the Barricades: The Anarchist Life of Emma Goldman*. New York: Thomas Y. Crowell, 1971. p. 130.

<sup>vi</sup> Kass-Simon, G. and Farnes, Patricia. *Women of Science. Righting the Record*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990. p. xv.

<sup>vii</sup> O'Brien, Mary. *The Politics of Reproduction*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981. p. 5.

<sup>viii</sup> Schiebinger, Londa. *Opus cit.*

<sup>ix</sup> Haraway, Donna. *Primate Visions. Gender, Race and Nature in the World of Modern Science*. New York: Routledge, 1989. p. 5.

<sup>x</sup> Cit. in Kass-Simon, G. and Farnes, Patricia. *Opus Cit.*, p. 289.

<sup>xi</sup> Hubbard, Ruth. "Science and Science Criticism". Muriel Lederman and Ingrid Bartsch, eds. *The Gender and Science Reader*. London and New York: Routledge, 2001. pp. 49-51. Nota: adaptação aproximada para a situação portuguesa. No original: "research associate and lecturer". Ruth Hubbard foi a primeira mulher a obter o mais elevado grau da carreira universitária em Harvard.

<sup>xii</sup> *Id.*

<sup>xiii</sup> Hubbard, Ruth. *Profitable Promises. Essays on Women, Science and Health*. Monroe, Maine: Common Courage Press, 1994. p. 206.

<sup>xiv</sup> Lear, Linda J. *Rachel Carson: Witness for Nature*. New York: Owl Books, 1998.

<sup>xv</sup> Carson, Rachel. *Silent Spring*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1962.